

ENTRE CARTAS E MEMÓRIAS, A HISTÓRIA DO PARAGUAI SEGUNDO ARTURO BRAY

AMONG LETTERS AND MEMORIES,
A HISTORY OF PARAGUAY
ACCORDING TO ARTURO BRAY

Luiz Felipe Viel Moreira¹

Endereço profissional: Av. Colombo 5790 - Bloco H-12; Sala 016.
Maringá/PR. CEP - 87020-900.
E-mail: lfvmoreira@hotmail.com

Resumo: Através da correspondência e das memórias do militar e escritor paraguaio Arturo Bray é possível reconstruir parte da história paraguaia e ver como este intelectual se posicionava perante os diferentes setores sociais, institucionais e políticos de seu país. A sua condição de exilado na Argentina é um componente que acabou moldando esta escrita de si. Este artigo pretende apresentar uma primeira aproximação às percepções de Bray sobre a política e a história paraguaias, bem como sobre sua própria história de vida.

Palavras-chave: Arturo Bray; História paraguaia; Escrita de si.

Abstract: Through correspondence and memories of the Paraguayan military and writer Arturo Bray, it is possible to reconstruct part of Paraguayan history and see how this intellectual was positioned before the different social, institutional and political sectors of his country. His status as an exile in Argentina is a component that eventually shaped this writing of himself. This article aims to present a first approximation to Bray's perceptions of Paraguayan politics and history, as well as his own life history.

Keyword: Arturo Bray; Paraguayan History; Self writing.

¹ Professor de História da América da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e do Programa de Pós-graduação em História da UEM. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (1999).

A história paraguaia da primeira metade do século XX tem na produção intelectual do coronel Arturo Bray (1898-1974), uma fonte privilegiada para estudos. Testemunha e protagonista de primeira ordem dos acontecimentos durante boa parte do período de maior influência do Partido Liberal na história do Paraguai, de 1904 a 1940, foi um militar de vasta cultura, bem como escritor. Em 1941, já retirado da vida castrense e estando no exílio na Argentina, escreveu sua obra intelectual, “La España del brazo en alto” (1943), “Hombres y épocas del Paraguay” (1943), “Solano López. Soldado de la gloria y del infortunio” (1945) e “Militares y civiles” (1958), obtendo seu sustento com a atividade na imprensa local.

Ao longo da década de 1960 redigiu suas memórias, às que chamou “Armas y Letras”, em alusão às duas atividades que exerceu ao longo de sua vida, a carreira militar e o jornalismo. Suas lembranças abordam um amplo panorama da história paraguaia e abarcam um período de quatro décadas. Desde a infância na Assunção de princípio do século XX, passando pela primeira guerra mundial, a guerra civil de 1922-23, os fortes do Chaco na pré-guerra, as agitações estudantis de 1931, a guerra do Chaco (1932-1935), a revolução de 1936, a pós-guerra do Chaco, até a presidência do general Estigarribia em 1940. Retratou uma época da qual já se encontrava distante temporal e espacialmente, com o recorte final sendo dado com o início de seu longo desterro.

Arturo Bray, uma figura polissêmica que atuou em diversas esferas, foi partícipe privilegiado das grandes transformações da primeira metade do século XX em seu país. Havia sido despojado do seu grau militar sem processo algum. Apenas em 1969, já velho, retornou definitivamente ao Paraguai, onde desde 1954, com a mudança de regime, podia ao menos voltar a entrar livremente sem ser molestado.

A chamada “revolução de 1904” marcou o fim de 27 anos contínuos de governos do Partido Colorado, dando início a uma nova etapa sob domínio do Partido Liberal, que se manteria por 32 anos ininterruptamente no poder, até a “revolução de 1936”. Uma restauração do poder liberal entre 1937 e 1940, um novo marco jurídico autoritário em 1940, uma longa ditadura militar entre 1940 e 1948, e o domínio colorado entre 1947 e 1954 constituem outros 18 anos em que o poder foi mudando de mãos paulatinamente, com a democracia representativa passando a estar subordinada a um nacionalismo autoritário em seus vários matizes.

Tratava-se de um jogo político no qual outros atores até então coadjuvantes haviam entrado na cena política a partir da década de 1930, tais como os novos partidos, grupos da sociedade civil e mesmo uma instituição do Estado como as Forças Armadas. O golpe de Estado de 1954, com o surgimento de uma ditadura militar respaldada institucionalmente pelo Partido Colorado, marcou o fim de 50 anos de turbulência política (1904-1954), mas não da violência que se institucionalizou e foi necessária para

manter o longo regime ditatorial de Stroessner.²

O coronel Arturo Bray não deixou de ser um homem desses difíceis tempos. O país que o acolheu desde 1941, também o foi para tantos outros paraguaios, principalmente depois do êxodo em consequência da mais sangrenta guerra civil pelo qual o Paraguai passou, a de 1947. Foi nesse exílio que, em 1953, teve uma troca epistolar com Justo Prieto, mesmo ambos vivendo na mesma cidade de Buenos Aires. A correspondência foi publicada em 1982 no Paraguai por Justo José Prieto (filho), tratando da espinhosa relação entre a sociedade civil e os militares do país mediterrâneo.

Justo Prieto (1897-1982) era militante do Partido Liberal e chegou a ser Senador pela legenda, ocupando ministérios nos governos de José Patrício Guggiari (1928-1932) e Eusébio Ayala (1932-1936). Também foi Ministro das Relações Exteriores no início do governo José Félix Estigarribia, de 15/08/1939 até 19/02/1940, quando apresentou sua renúncia, no início do processo que levaria à nova ordem institucional, com aprovação da constituição de 1940, que substituiu a de 1870. Em setembro de 1940, com a morte de Estigarribia e a ascensão do general Higinio Morínigo (1940-1948), Justo Prieto foi despojado de sua cátedra de Titular da Faculdade de Direito em Assunção. Também sendo obrigado a partir para o exílio, sobreviveu na Argentina atuando na docência e no periodismo.

A produção bibliográfica de Justo Prieto já no desterro foi vasta, com destaque para “Paraguay la Provincia Gigante de las Indias” (1951). Justo Prieto e Arturo Bray tinham poucos meses de diferença de idade, e eram antigos conhecidos. Politicamente, já se haviam encontrado na revolução de 1922 defendendo o governo constitucional. Um como advogado desde a Chefatura da Polícia e o outro como Comandante de Batalhão. Caminhos que voltaram a se cruzar quando do último governo liberal e os problemas constitucionais que então vivenciaram.

Quando das eleições de 1939, os liberais não tinham nenhum representante nos níveis mais altos do governo e depositaram suas esperanças em Estigarribia, nomeado embaixador nos EUA.³ Na convenção do Partido Liberal (PL), em 1939, para definir o nome do novo candidato, os velhos liberais civilistas do partido tiveram que ceder ante a pressão dos militares pela indicação do antigo comandante da guerra do Chaco, pese à condição de militar e de não ser filiado ao PL. Em 14/03/1939, Justo Prieto, Enrique Ayala e Gerónimo Riart apresentavam ao Diretório do PL o resultado de uma tarefa que lhes havia sido designada.

No documento “Dictamen sobre la cuestión presidencial. Encuesta sobre la candidatura del Gral. Estigarribia” foi apresentada uma exposição da situação política

2 Ver: SOLER, Lorena; QUINTEROS, Marcela C. O stronismo: uma gestão autoritária bem-sucedida. In: QUINTEROS, Marcela C.; MOREIRA, L.F.V. (Orgs). As revoluções na América Latina Contemporânea. Entre o ciclo revolucionário e as democracias restringidas. Maringá: UEM-PGH-História; Medellín: Pulso & Letra-Universidad de Antioquia, 2017.

3 Ver: MENDOZA, Hugo. La Guerra del Chaco, 1932-1935. Asunción: El Lector, 2013. (Colección Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 12).

do país, bem como a síntese da consulta aos notáveis (experimentados) do partido, que coincidiam em aceitar uma solução de acordo com a nova realidade político-militar. Assim, antes de firmarem o documento, manifestavam que pelos *antecedentes que dejamos expuestos, no vacilamos en afirmar que el nombre del General José Félix Estigarribia puede ser votado por el Partido Liberal, sin desmedro de sus principios y tradiciones esenciales*.⁴ Entretanto, para Arturo Bray,

El 27 de marzo de 1939 fue proclamado Estigarribia candidato a la presidencia de la República por el Partido Liberal, con palmaria violación de los estatutos de dicha agrupación política, pues el preconizado no era afiliado a la misma. De este modo, el gran partido de Alón, Antonio Taboada, Manuel Gondra y otros próceres y mártires del liberalismo paraguayo, capitulaba con mansedumbre bovina ante una imposición de los cuarteles. La avidez por el poder había llegado a tales extremos, con absoluto desprecio por toda ética y lealtad a los principios. Aquel día escribí en mi 'Diário': 'Esta es la última parodia de la democracia paraguaya. El Partido Liberal ha cavado su propia fosa'.⁵

Ao tratar desse mesmo tema em suas memórias na década de 1960, Arturo Bray se distanciava da posição assumida na época por Justo Prieto. Para aquele, haviam se somado irregularidades nos quais o Partido Liberal foi conivente, bem como a ingerência dos quartéis na vida civil. Assim, seu desterro coincidia com a debacle da própria democracia paraguaia, da qual se considerava um defensor como militar.

A pesar de seu grande prestígio, o presidente Estigarribia, eleito para o período 1939-1943, não foi capaz de pacificar o país. Por um lado, os velhos liberais estavam ciosos da sua proximidade com os jovens liberais, e mesmo com o coloradismo. Um clima político denso marcou o início do novo governo, com a guerra internacional dividindo simpatias tanto na sociedade civil como entre os militares. O governo de Estigarribia divisou a existência de uma conspiração ou, ao menos, de inquietações militares por detrás das perturbações políticas que se vivia, e entendia como necessário um reajuste institucional sobre novas bases. Os novos liberais pediram a dissolução do congresso e o transpasso de todo o poder ao presidente. Em fevereiro de 1940, passados 70 anos da promulgação da constituição de 1870, houve a determinação de estruturar uma nova ordem institucional. Se impôs a dissolução do Congresso mediante a renúncia de todos os senadores e deputados; se declarou a necessidade da reforma constitucional e o presidente Estigarribia assumiu a plenitude dos poderes públicos.⁶ O novo gabinete ministerial ficou integrado com militares e civis que assumiram cargos a título pessoal

4 PRIETO, Justo José. Ciudadano y soldado. Comentarios a la correspondencia de Justo Prieto con Arturo Bray. Asunción: Universidad Católica, 1988. (Biblioteca de Estudios Paraguayos, Vol. 25), p. 175.

5 BRAY, Arturo. Armas y letras. Memórias. Asunción: Napa, 1981, T.III, p.90.

6 Ver: RODRÍGUEZ, José Carlos. El Paraguay bajo el nacionalismo, 1936-1947. Asunción: El Lector, 2011. (Colección La Gran Historia del Paraguay, 11).

e não partidário.

O presidente esteve à frente do novo projeto de constituição. O texto foi sancionado por decreto em 10 de julho de 1940 e ratificado logo após por plebiscito. A nova constituição tendia a organizar um Estado forte, como o Estado Novo brasileiro à época, em que o presidente aumentava suas faculdades, podendo dissolver o congresso, decretar o estado de sítio e ditar decretos-leis durante o recesso legislativo. Se eliminava a vice-presidência e se criava um Conselho de Estado como órgão assessor do executivo. O poder legislativo passaria a ser unicameral. O Estado já não seria neutro, tendo atribuições para intervir na vida social e econômica.

Novamente em suas memórias, na década de 1960, Arturo Bray marcava distância de seu acionar político-militar comparado com Estigarribia, embora reconhecesse afinidades ideológicas com o Partido Liberal:

No soy, nunca he sido, ni seré – en lo que me resta de la vida – lo que se llama hombre de partido. Estoy y me siento por encima de todos los partidos y por debajo de ninguno de ellos. No pocos me han atribuido y atribuyen simpatías o concomitancias con el Partido Liberal.⁷

Em governos liberais anteriores, Bray havia ganhado destaque político como Chefe de Polícia da Capital e Ministro do Interior, mesmo que sempre viesse tentar se desvincular da luta partidária. Sua leitura sobre antigas ações, principalmente sua enérgica atuação nas agitações estudantis de 1931 fora plasmada, e a história o julgaria. A diferença é que aqueles acontecimentos se deram no que considerava uma etapa democrática. Mas agora eram outros tempos, e Estigarribia, um antigo desafeto na caserna, tornara-se presidente. Em maio de 1939, aceitava ser enviado para um “exílio dourado”, como embaixador na Espanha franquista.⁸

O novo marco jurídico paraguaio foi justificado como necessário em concordância com os novos tempos. A carta constitucional foi criticada pelos liberais ortodoxos e tildada de fascista pela maioria do restante arco político, inclusive os colorados. Porém, cabe observar que a mesma refletia uma inflexão ideológica do próprio Partido Liberal que se reestruturava, adaptando o exercício do poder a um Estado fortalecido em suas funções. Mas, em 07/09/1940, Estigarribia faleceu em um acidente aéreo, abrindo-se enormes incertezas.

Quando da morte de Estigarribia, nem a Câmara de Representantes nem o

7 BRAY, Arturo. *Armas y letras. Memorias*. Asunción: Napa, 1981, T.III, p.119.

8 No Paraguai, ao longo do século XX, foi-se institucionalizando o “exílio dourado” que era um mecanismo de enviar ao exterior os desafetos dos sucessivos governos, nomeando-os diplomatas. A designação de Bray como embaixador se deu imediatamente após o final da guerra civil espanhola, com o autor publicando em 1943 suas impressões da sociedade civil espanhola e de seu regime autoritário: “Es la nueva España, la del brazo en alto. Muy ordenada y disciplinada, qué duda cabe, pero sembrada de residuos disolventes de rencores y propósitos oscuros de venganza, con tremendos odios que rugen en el fondo. Estamos a mediados de 1940. Madrid entre tanto se muere de hambre, de asco y de horror. España vive todavía, pero con el alma partida en dos. A ese precio adquieren los pueblos el privilegio de saludar a la romana.” Esta foi sua primeira produção bibliográfica. Ver: BRAY, Arturo. *La España del brazo en alto*. Asunción: El Lector, 2018, p.59.

Conselho de Estado estavam conformados. Os máximos oficiais militares se reuniram imediatamente para eleger sucessor, sem consultar os liberais, impondo a designação do general Higinio Morínigo como presidente interino. A partir de então, entrou em curso uma verdadeira redefinição política. Antes de completar um mês, a presidência forçou a renúncia dos jovens liberais do ministério, sua imediata prisão e posterior expulsão do país, vindo posteriormente fazer o mesmo com os velhos liberais, como Justo Prieto, bem como colocando o partido fora da lei. Arturo Bray, que seguia atuando como embaixador – mas no Chile desde janeiro de 1941 – com os acontecimentos rumava então direto ao exílio na Argentina: era o *fin de jornada*, como se referia a esta etapa em suas memórias.

Para a época da correspondência entre Arturo Bray e Justo Prieto (1953), ambos se achavam desterrados havia doze anos em Buenos Aires, com o segundo exercendo a Vice-presidência do Partido Liberal. No entanto, passaram-se muitos anos até vir a ocorrer a publicação do epistolário por parte de Justo José Prieto (filho), o que efetivamente ocorreu em 1982. Isto porque foi postergada alguns meses dada a publicação das Memórias de Arturo Bray, em 1981, o que permitiu a Justo José Prieto (filho) introduzir notas explicativas que facilitaram a compreensão da polêmica travada por ambos tantos anos atrás. De qualquer forma, para 1982, os protagonistas do epistolário já tinham falecido: Bray em 1974 e Prieto nesse mesmo ano de 1982.

O Paraguai, com o golpe de Estado de 1954, conhecia uma nova etapa, levando às Forças Armadas a assumir o controle da cena política nacional durante mais de três décadas. Desde a guerra civil de 1947, houve um processo de “coloradização” do regime, de partido único, que atingia também as Forças Armadas. Após 1954, a “coloradização” antes civil, tornava-se militar, com o Partido Colorado passando a dar respaldo institucional ao governo militar.

Assim, a possibilidade de retorno a pátria para ambos prudentemente se dilatou, vindo a ocorrer apenas no ocaso de suas vidas. A longa ditadura de Stroessner (1954-1989) alterou profundamente o jogo do poder, tendo este desaparecido quando Bray e Prieto retornaram ao país. A publicação do epistolário não deixava de ser para Justo José Prieto (filho) um grito numa sociedade amordaçada, no qual o revisionismo histórico havia se transformado em história oficial com o stronismo.⁹

Para muchos estas notas serán obvias. Sin embargo, la generación del silencio no conoce la historia reciente sino la mítica, con el espejismo del eterno retorno. Esta nuestra historia de los últimos cien años que se la

⁹ Ver: QUINTEROS, Marcela C.; MOREIRA, L.F.V. A violência política na história do Paraguai (1904-1954). In: QUINTEROS, Marcela C.; MOREIRA, L.F.V. (Orgs). As revoluções na América Latina Contemporânea. Maringá: UEM-PGH-História, 2016. Com os acontecimentos de 1904, nas três décadas que se seguiram de hegemonia do Partido Liberal, seus intelectuais buscaram fofomatar uma visão liberal da história, em grande medida crítica do passado autocrático de Francia e dos López. Para o período, os intelectuais do Partido Colorado foram os responsáveis pela mitificação do marechal Francisco Solano López e do heroísmo do povo paraguaio, como pela revalorização das raízes guaranis da nação. Se as batalhas políticas eram ganhas pelos liberais, as mentes e os corações foram pelos colorados, e seu revisionismo histórico foi conquistando posições dentro do campo ideológico. Com a hegemonia do Partido Colorado, esta história se tornou a oficial.

toca como gato en el tejado de zinc caliente. Hay un solo resonar de artoparlantes temáticos e incontrovertidos. Los héroes y los antihéroes salen en largas tiradas adobadas al gusto oficial, cortados como buenos y malos, como endiosados o vitandos. Es la historia modular”.¹⁰

Bray se referiu à troca de correspondência com Justo Prieto como um pugilato de ideias. Havia profundas diferenças entre ambos. Para Bray, Higinio Morínigo era um ditador ignorante que esteve no poder entre 1940 e 1948, legitimado pelo acionar do próprio Partido Liberal, do qual Justo Prieto era membro ativo. A primeira carta de Bray a Prieto é datada em 12 de março de 1953. Tendo recebido de Prieto o livro “Manual del ciudadano liberal paraguay”, publicado ainda no ano de 1953, numa extensa missiva, Bray agradece o obséquio, porém rebate alguns juízos presentes na obra, relacionados às instituições armadas em geral e sobre o exército paraguaio em particular.

A réplica, de 26 de março, é também um extensa carta, onde Prieto retoma parágrafos do *Manual* para rebater as colocações feitas por Bray. Como últimas observações de um debate que vê como importante, diz:

Y es el momento de poner fin a esta réplica. Y lo hago concordando en un ciento por ciento com Usted en su último párrafo, que encierra en pocas líneas ambas disquisiciones, la de Usted y la mía, a pesar de todo lo cual no lamento que ellas se hayan producido: ‘No busquemos el liberalismo y la democracia exclusivamente en el birrete de un abogado; ni el despotismo y la deslealtad sólo en la dragona de un sable de oficial’.¹¹

Bray novamente escreve em 05 de abril uma longa carta onde questiona Prieto pelo que considera ser seu antimilitarismo, presente na redação do *Manual*, ponto central da polêmica. Ao final quer encerrar a controvérsia, pois:

con respecto a los puntos en que estamos de acuerdo – que felizmente son varios y, no pocos, fundamentales – no hay por qué insistir; en cuanto a aquellos sobre los cuales disintimos, no es probable que llegue el uno a convencer el otro.¹²

Mas Prieto, também numa não menos longa carta de 22 de abril, volta a rebater as argumentações de Bray, explicitando o papel social de uma memória que ambos estavam construindo com o debate epistolar:

Con lo que va a continuación, correspondo a su deseo de cerrar el debate:

10 PRIETO, Justo José. Ciudadano y soldado. Comentarios a la correspondencia de Justo Prieto con Arturo Bray. Asunción: Universidad Católica, 1988. (Biblioteca de Estudios Paraguayos, Vol. 25), p.11.

11 Idem, p.56.

12 Idem, p.90.

cerrémosle, pues. Y esto más: que no opongo ningún reparo a que esta polémica epistolar halle – poco o mucha – publicidad. Harto aprenderán en ella, aprenderían y aquilatarían, después de alguna reflexión, tanto civiles como militares, dispuestos a estudiar sin prejuicios los temas en ella debatidos.¹³

Bray, em uma última carta de 07 de maio, dava por terminada a polêmica, quaisquer que fossem suas derivações. Reconhecia, depois do debate, que a postura de Prieto talvez não fosse de um antimilitarismo, mas que sim respondia a problemas da atualidade. De qualquer forma, reforçava o perigo desta postura, pois:

lo malo es que acaso no todos piensen así, haciendo que ese escepticismo sea um factor más de distanciamiento entre militares y civiles, o peor todavía, diera origen a suspicacias entre mis compañeros de armas y un poderoso partido político.¹⁴

No ano seguinte, com o golpe de Estado de 1954, estas observações ganhavam uma nova dimensão, com o surgimento de uma ditadura militar respaldada institucionalmente pelo Partido Colorado.

Bray, um militar constitucionalista exilado e para a época com 55 anos, terminava efetivamente a troca epistolar com Prieto rogando a este que “no vea en mis juicios y expresiones el menor asomo de fobia para con los partidos políticos, cuya acción, más que necesaria, es indispensable en toda democracia”.¹⁵ E mantinha uma esperança, mesmo que em um futuro já distante para ambos:

De que algún día trace el ejército de mi patria un signo de redención sobre la cruz del puño de su espada, aunque ya no estaremos nosotros sobre la tierra para disfrutar de tan anhelada bienandanza. Y si en defensa de la institución a la cual he consagrado los mejores – y frustrados – años de mi vida pude haber incurrido en expresiones inconvenientes o susceptibles de ser tenidas como ofensivas, le ruego las dé por retiradas.¹⁶

Justo Prieto, em 14 de maio, prefere fechar a polêmica, passando a fazer apenas retificações e observações rápidas sobre fatos que acredita não devam ser esquecidos. E também pedia que Bray não visse em suas palavras rechaço sobre a Instituição Militar paraguaia, à qual também se dedicou desde sua cátedra na Escola Militar e na Escola Superior de Guerra:

13 Idem, p.94.

14 Idem, p.124. O autor se referia ao Partido Colorado.

15 Idem, p.145.

16 Idem, p.146.

Creo que desde nuestras privativas esferas hemos hecho algo por ella con esta tarea de dilucidación a la que hoy ponemos término. Esperemos que políticos y militares han de tomar alguna vez conocimiento de ella, con la mejor intención de hallar ideas de entendimiento nacional entre ambas comunidades indispensables al desarrollo de la libertad, la disciplina, la democracia, y el progreso del país.¹⁷

As cartas, segundo Ângela de Castro Gomes, definem “um lugar de sociabilidade fundamental e revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período”.¹⁸ A autora chama a atenção para o fato de que as cartas, assim como os diários e as memórias, são textos íntimos; no entanto, as cartas se diferenciam dos outros textos porque “o que é escrito só pode ser apreendido em função de um ‘outro’”, que é quem recebe e se torna seu proprietário.¹⁹ Além disso, alerta que há diferentes tipos de missivas que dependem do relacionamento do autor com o destinatário e cada uma delas permite mostrar o “lugar social” de quem escreve, ou seja, a posição que ocupa nos campos intelectual e político.

Era clara a percepção por parte de Prieto da importância do resguardo dessa correspondência para um memória futura, dado o papel que acreditava desempenhavam na história contemporânea paraguaia. Não apenas guardou a correspondência recebida como fez cópia da que enviava a Arturo Bray. Ao total foram apenas seis cartas, três de cada um deles, mas que se revestiram cada uma delas de verdadeiros ensaios. A posição de Prieto tem seu paralelo por parte de Bray nas suas próprias memórias.

Os três tomos desta escrita de si foram redigidos em Buenos Aires, entre 02 de novembro de 1960 e 30 de dezembro de 1967, com prolongadas pausas em sua redação segundo o autor, e com a recomendação de que só pudessem ser publicadas depois de seu falecimento. Tendo morrido em 1974, elas saíram a luz em Assunção em 1981. O primeiro tomo abarca o período que vai de 1898 até 1927; o segundo desde 1927 até 1935 e o terceiro de 1935 até 1941.

No pretendo haber escrito capítulos de la historia política del Paraguay, sino relatar – en la mayoría de los casos – mi participación personal y directa en algunos de sus episodios. Salvo espaciadas distancias, no se citan ni transcriben documentos o fuentes de información pues quienes muestran empeño en compulsar la veracidad de lo relatado no tienen sino que acudir en consulta a mi archivo personal, cuyas carpetas han sido legadas en custodia al repositorio de una institución de enseñanza. No obstante, he roto o arrojado al fuego no pocos de mis “papeles”: ¿para qué

17 Idem, p.157.

18 GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 52.

19 Idem, p.53. Para um debate teórico sobre esta escrita auto reflexiva, ver também: QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897-1966): um intelectual plural*. São Paulo: USP, 2016. (Tese de doutorado).

guardar memoria de miserias y mesquindades? ¿A qué dejar constancia de que tantos hombres desdican hoy con los hechos lo que ayer afirmaron de palabra? ¿A título de cuales propósitos de maldad o vanidad destilar ponzoña cuando la muerte ya ha hecho presa de víctimas y victimarios? Mas decir lo que honradamente se cree que es la verdad – o parece serlo – es no solamente admisible sino recomendable; pero si al duro calificativo se suma el agravio, esa actitud importa y define una morbosa perfidia de injuriar por injuriar.²⁰

Toda documentação produzida e recebida por Bray teve um caminho tortuoso. O próprio autor reconhece ter destruído parte de seus documentos pessoais, informando porém que daria público acesso ao seu arquivo pessoal. Quando de seu falecimento, em 03 de julho 1974, os manuscritos do que vieram a constituir os três volumes de suas “Memórias” ficaram a cargo de seus sobrinhos – filhos de sua única irmã já falecida. Na Apresentação das Memórias, feitas pelo seu sobrinho Gustavo Britos Bray, em 1981, este informava que: “Su Diálogo, juntamente con su archivo personal y archivo gráfico, fueron conservados celosamente y están actualmente depositados em uma caja de seguridad de un banco de Asunción.”²¹

As memórias constituem um gênero literário próximo das biografias, das autobiografias e da correspondência, genericamente identificadas como “escrita de si”. A biografia serve para “contar” a vida de “alguém” (biografado), quem é um sujeito diferente do autor (biógrafo). Como estilo literário, a biografia tem atravessado por diversas vicissitudes que marcaram os altos e baixos de uma escrita que vem sendo recuperada pelos historiadores, tanto como fonte quanto como um modo de narrativa histórica. Um dos principais aportes dos estudos biográficos tem sido a insistência em salientar que a biografia, assim como a história, é escrita a partir do presente.²² Segundo Levillain e Dosse, o gênero biográfico experimentou uma reabilitação, em parte, acompanhando o processo de recuperação da história política.²³

Entretanto, as autobiografias e as memórias constituem dois gêneros muito próximos, cujo limite, muitas vezes, é difícil de definir. Em ambos, o sujeito biografado – o protagonista – e o autor coincidem na mesma pessoa. A autobiografia é uma narrativa escrita no presente, na qual o autor fala de si, dando testemunho de seu eu a partir de um relato sobre o seu passado. Para Philippe Lejeune, a autobiografia pressupõe uma “relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*”.²⁴

A historiadora Romilda Costa Motta adverte que a análise da escrita autobiográfica exige um esforço reflexivo e um trabalho rigoroso de pesquisa para não

20 BRAY, Arturo. Armas y letras. Memórias. Asunción: Napa, 1981, T.I, p.10.

21 Idem, p.8.

22 DOSSE, François. O Desafio Biográfico. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009, p.12-13.

23 LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

DOSSE, François. O Desafio Biográfico. Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

24 LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.15.

se deixar seduzir pela “verdade” do objeto de estudo; mas, ao mesmo tempo, é uma fonte que abre a possibilidade de indagar sobre as representações criadas pelo memorialista em relação ao passado.²⁵

A autora distingue dois estilos de escrita autorreferencial: a autobiografia e as memórias, gêneros diferentes cujas fronteiras são fluidas. A autobiografia, segundo Lejeune, é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.²⁶ Já as memórias *podem* tratar-se da história de uma personalidade, de sua vida individual, mas não há uma obrigatoriedade. Na maioria das vezes, a narrativa “limita-se a representar um testemunho pessoal do autor sobre um fato histórico, alheio à sua vida pessoal”.²⁷

Enquanto “gêneros vizinhos” de diferenças muito tênues, ambas as escritas têm como objetivo contar sobre fatos passados, “sob o amparo da memória”.²⁸ A escrita autorreferencial de Arturo Bray situa-se no encontro entre os dois gêneros: por um lado, o “autor” – Arturo Bray – “narra” a vida do “personagem” principal – Arturo Bray. Por outro lado, Arturo Bray escreve como memorialista (1967), recorrendo à memória pessoal para descrever episódios marcantes da vida política nacional e seus personagens, bem como à memória socialmente construída, como a correspondência trocada com Justo Pastor Prieto (1953).

Para Arturo Bray, suas memórias são importantes e não deixam de ser o que:

Los franceses llaman de “petite histoire” [que] es condimento y aderezo de la Historia con mayúscula. Para comprender una época o juzgar a los hombres que en ella actuaron, es indispensable remitirse a los cronistas de esos tiempos [ele próprio], que también hacen historia, acaso la más viva y realista, porque la presencia palpitante de los acontecimientos relatados suple, en buena parte, la necesaria perspectiva para analizar esos acontecimientos con la serena ecuanimidad requerida para formular juicios definitivos.²⁹

Quando terminou de redigir suas memórias, em 1967, Bray contava já com 69 anos, porém nada é mencionado sobre os 26 anos em que já transcorria vivendo em Buenos Aires. E quando efetivamente retorna com segurança ao Paraguai já estava com 71 anos, numa etapa na qual uma nova geração comandava os destinos da nação. A maioria de seus velhos conhecidos estavam repousando no cemitério da Recoleta em Assunção. Sua memória se deslocou para um período anterior ao exílio; etapa que na

25 MOTTA, Romilda Costa. José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”. São Paulo: USP, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), p. 10.

26 LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico. De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 14.

27 MOTTA, Romilda Costa. José Vasconcelos: as Memórias de um “profeta rejeitado”. São Paulo: USP, 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), p. 29-30.

28 Idem, p. 30.

29 BRAY, Arturo. Armas y letras. Memorias. Asunción: Napa, 1981, T.I, p.10.

opinião de Justo José Prieto (filho) são cruciais terem sido jogadas luzes, dada a tão necessária construção de uma história a contrapelo da divulgada pelo regime de Stroessner, pois:

Es a la generación del silencio, a ésa a quien dan en llamar de ‘la paz’, a quien vino mejor hurgar en la trastienda de las Memorias. La juventud no conoce a los personajes de Bray, hoy soslayados. Para ellos, Eligio y Eusebio Ayala son dos artérias capitalinas relativamente céntricas. Manuel Gondra, José P. Guggiari, Manlio Schenone, Luis Riart o Gerónimo Zubizarreta no perduran por no haber sido objeto de esa preocupación municipal. En gran medida estas Memorias complementan la intencionalidad de nuestras notas, porque esa juventud pudo advertir en ellas que en épocas consideradas como prehistóricas hubo algo más que cuatro rescatables personajes de gesta [referência a Francia, López, Caballero e o próprio Stroessner]: conoció que vivió gente de honor y valentia, seres humanos que se oponían a la violència y todo lo perdían por el derecho; que el envilecimiento no era moneda corriente; que a despecho de camarillas para delinquir, una larga caravana de hombres honestos salía menesterosa de los cargos públicos.³⁰

O olhar retrospectivo dado por Arturo Bray às suas memórias teve uma ordem, e que outorga um sentido ao relato. Ele começa com seu nascimento em 1898 e cronologicamente avança até 1941, início de seu exílio, e o fim do que considera sua “vida pública” – estava então com 43 anos. Em grande medida era um repassar sobre a própria história da chamada “era liberal” no Paraguai. Bray era filho de pai inglês e uma mãe vinculada às elites *criollas*. Sua avó materna, Juana Malgarejo de Riquelme, que conheceu bem pois morreu apenas em 1915, havia seguido o marido até Cerro Corá, no final da Guerra Grande.³¹ Após o fim da Guerra da Tríplice Aliança (1870), mais especificamente a partir de 1877, até a “revolução de 1904”, o governo paraguaio ficou sob a hegemonia dos homens que criaram e integraram o Partido Colorado.

No começo do século XX, o grupo do general Egusquiza que, na condição de colorado moderado, havia persuadido os demais generais da necessidade de levar a cabo uma abertura democrática e uma política de conciliação com a oposição, fora deslocado à força do poder.³² O estalo de um movimento armado aconteceu em agosto de 1904, quando foi divulgado o “Manifesto” da insurgência, tanto civil como militar.

30 PRIETO, Justo José. Ciudadano y soldado. Comentarios a la correspondencia de Justo Prieto con Arturo Bray. Asunción: Universidad Católica, 1988. (Biblioteca de Estudios Paraguayos, Vol. 25), p.15.

31 Em 1945, Arturo Bray escreveu uma obra sobre a figura de Solano López, tentando superar a antinomia lopizmo/antilopizmo que considerava artificial. Para o autor, “Al anotar en su buena cuenta [de López] cuanto favorecerle pueda, admitamos por igual sus defectos y debilidades, que no son patrimonio exclusivo de Solano López, sino que a todos los paraguayos pertenece y alcanza, porque el Mariscal es nuestro, inconfundible e íntimamente nuestro – producto, expresión y símbolo de suelo, raza y ambiente – como nuestro es también el derecho de tenerle por héroe nacional, si así nos place, y con mayor razón cuando esa complacencia ha sido ya revalidada por la mayoría del pueblo paraguayo”. Ver: BRAY, Arturo. Solano López. Soldado de la gloria y el infortunio. Asunción: El Lector, 2018, p.13. A obra contou com documentação encontrada em arquivos da Argentina, bem como relatos de pessoas mais velhas de quem ainda conseguiu obter informações. Uma dessas pessoas foi sua avó materna.

32 GONZÁLEZ, Erasmo. Bernardino Caballero. Asunción: El Lector, 2011. (Colección Protagonistas de la Historia, 5).

As acusações contra o “desgoverno” colorado e o esgotamento de todos os meios pacíficos de diálogo serviram como justificativas da “revolução” e do uso da violência. Quatro meses de lutas se estenderam por todo o país, envolvendo as *montoneras* lideradas por caudilhos colorados e liberais. Nesse ambiente político, no início do século XX, transcorreu a infância de Arturo Bray.

No vine al mundo en el seno de un hogar acaudalado, pero mi padre siempre tuvo buenos empleos como contador, de modo que llevábamos la vida de una acomodada familia burguesa, sin apremios económicos, pero también sin lujos ni ostentaciones: casa confortable, aunque siempre alquilada, servidumbre – cocineras, mucama y uno o dos muchachos para los mandados – buena mesa, juguetes caros y los mejores colégios para mi única hermana y yo.³³

Para este período, houve dois grandes marcos que consolidaram tanto a continuidade dos liberais no poder como redefiniram constantemente a luta pela liderança no interior do partido e as sucessivas alianças ou não com os outros atores políticos que surgiam, principalmente com o exército. Elas foram as guerras de 1908, estendida até a de 1911-1912, e a de 1922-1923. Dos acontecimentos no contexto do primeiro marco, Bray recorda os caóticos anos da guerra civil, com a família sendo abatida pela chamada tragédia de Rosário (1911). O assassinato do chefe político Adolfo Riquelme e de outros liberais, com as suspeitas recaindo sobre o presidente Albino Jara, (1911) teve enorme repercussão e influenciou o desenlace dos acontecimentos. Adolfo Riquelme, a quem chamava de tio, era sobrinho de sua mãe.

Em 1914, recebeu uma bolsa do governo nacional para estudar medicina na Inglaterra. Porém, em 1915, se alistou no exército inglês, participando como soldado na primeira guerra mundial. Quando esta terminou, em 1918, já havia alcançado o grau de Primeiro Tenente, retornando ao Paraguai no ano seguinte. No início de 1920, foi incorporado ao exército paraguaio com o mesmo posto do exército inglês.

Nos acontecimentos de 1922-1923, a mais prolongada guerra civil do século XX, Bray e outros oficiais que secundaram o presidente Manuel Gondra, acabaram tendo uma destacada atuação na Guerra do Chaco e na vida política do país. Nesta lista estavam os oficiais e futuros presidentes Rafael Franco (1936-1937), José Félix Estigarribia (1939-1940) e Higinio Morínigo (1940-1948). Na época, o comandante de todos estes jovens oficiais era Manlio Schenoni, a cuja memória dedicou seu livro de 1958, “quien bregó tan incansable como infructuosamente, por forjar un ejército nacional en el solar nativo”. Apesar de críticas a alguns traços de Schenoni, reconhecia nele um valor fundamental: nunca se sublevoou contra as autoridades constituídas. Comportamento este que futuramente não seguiram Franco, Morínigo nem

33 BRAY, Arturo. *Armas y letras. Memorias*. Asunción: Napa, 1981, T.I, p.19.

Estigarribia. A este último desconfiava tanto de sua lealdade, quanto de sua pouca capacidade como militar.³⁴

Em julho de 1923, depois de uma última frustrada tentativa rebelde de ocupar a capital, houve uma dispersão dos sublevados, com os chefes do levantamento indo para a Argentina na busca de proteção. A guerra civil terminava depois de 13 meses. Mas, ao contrário das sublevações anteriores, nas quais os envolvidos nunca sofreram castigos severos ou duradouros, as lideranças liberais vencedoras estavam dispostas a submeter os oficiais militares rebeldes à sua autoridade civil. O delito de revolta levou à expulsão de um significativo número de oficiais do exército, rompendo assim uma tradição de anistia. Como sequela, parte dos chefes militares guardaram ressentimentos contra o Partido Liberal. Mas para Bray, ali nascia o Exército Nacional.

A Guerra Civil de 1922-1923 redundou na primeira subordinação dos quartéis à autoridade civil na história constitucional paraguaia, que durou até os acontecimentos de fevereiro de 1936. De qualquer maneira, esta guerra representou o fim do exército caudilhista, quer dizer, do exército tradicional, que não era nacional, mas respondia às ordens de um caudilho.³⁵ A reestruturação das forças armadas, modernizando-as e profissionalizando-as, era uma necessidade, tendo em vista a tensão crescente com a Bolívia por demarcações territoriais pendentes. Arturo Bray foi um dos artífices desse processo, tendo sido nos anos seguintes Chefe de fortins no Setor Pilcomayo no Chaco Austral, Secretário da Comissão de Aquisição de Armas na Europa e Diretor da Escola Militar.³⁶

Para a o início da década de 1930, o país conhecia um incremento no combate à atividade sindical, tanto na capital como no interior, ganhando influência na classe trabalhadora e nos meios estudantis as ideias socialistas e comunistas. No mesmo período, cobrava força um pensamento de direita inspirado em processos políticos que tinham lugar na Europa e na América, moldando um nacionalismo exaltado em setores da população, especialmente entre os militares. Para muitos, inclusive colorados, os valores individualistas da democracia liberal agora eram vistos como algo que não se amoldava a “idiosincrasia” dos paraguaios, à qual consideravam herdeira de ideais coletivistas. Somavam-se a isso, as quebras institucionais de 1930 que sacudiram a vida política dos grandes vizinhos, Argentina e Brasil, conduzindo à entrada em cena das

34 Questões como civilismo e principalmente o militarismo, tratadas na correspondência com Justo Prieto em 1953, voltaram a serem trabalhadas por Arturo Bray em “Militares y Civiles”, obra de 1958. Para o autor: “El oficial es un funcionario del Estado, pero no un funcionario de los tantos, pues su condición de ciudadano armado le confiere un estatuto especialísimo. En efecto: el oficial está ligado al cumplimiento de sus obligaciones por un juramento, cuya violación delictuosa puede significarle una deshonra para toda la vida, y aun la muerte, inclusive en tiempos de paz, condiciones que de fijo no se dan en toda su magnitud con respecto a los demás servidores del Estado; al concepto de su honor y de su deber confía la nación intereses valiosísimos sin parangón posible, y lo que es más grave, el oficial es depositario de la paz interna y de la seguridad de la Nación.” Ver: BRAY, Arturo. Militares y civiles. Estudio psico-patológico del pronunciamiento. 2. Ed. Asunción: Carlos Schauman, 1984, p.83.

35 Ver: FLECHA, Víctor Jacinto. Años 20: Movimientos Socio-Políticos en el Paraguay y Proyección Posterior. In: Pasado y Presente de la Realidad Social Paraguaya. Asunción: CPES, 1995. (V.I: Historia Social).

36 Com a descrição desses acontecimentos Bray encerra o primeiro tomo de suas memórias. Personalidades importantes com quem ainda jovem conviveu nessa época foram retratadas em 1943, quando escreveu um livro dedicado ao estudo sobre alguns grandes presidentes da história contemporânea do Paraguai. Do período anterior a Grande Guerra os destaques foram para Francia e os López (pai e filho). Do período de dominação colorada, as personalidades de Caballero, Escobar e Egusquiza. E do período liberal, Gondra e Eligio Ayala, aos quais conheceu. Ajudante de Ordens de Eligio Ayala, reconhecia a este o papel fundamental na modernização do Estado paraguaio. Ver: BRAY, Arturo. Hombres y épocas del Paraguay. 3.ed. Buenos Aires: Nizza, 1957.

Forças Armadas, reivindicando para si uma função tutelar sobre toda a nação.

As críticas de partidos e grupos políticos opositores, tanto na imprensa como no Congresso, se agitaram com o recrudescimento dos atritos fronteiriços na região do Chaco, acusando os governos liberais de não preparar suficientemente o país diante da ameaça boliviana. As coisas saíram de controle no dia 23 de outubro de 1931, quando uma manifestação estudantil que reclamava a defesa do Chaco dirigiu-se ao palácio presidencial. O episódio, com mortes e feridos, foi muito explorado pela oposição, com os colorados renunciando a seus mandatos legislativo.³⁷ Nomeado no mesmo dia pelo presidente Chefe Militar para debelar a crise, Arturo Bray esteve ainda até fins de janeiro de 1932 à frente da Polícia da Capital, um cargo com enorme ingerência na vida política. Para Bray, ali ficou datado o princípio do ocaso de sua carreira militar:

A partir de aquel momento pasé a ser un hombre peligroso para todos los políticos en general y para los 'Liberales' en particular, salvo contadas excepciones. Los comunistas, por su parte, me endilgaron – a mucha honra – el calificativo de 'figura siniestra'.³⁸

Finalmente em julho de 1932 a guerra pelos domínios do Chaco boreal estalou. Ao longo dos três anos de guerra internacional, os enfrentamentos internos foram substituídos por uma trégua política acordada por todos os partidos. A frente de batalha ficou a cargo do tenente coronel José Félix Estigarribia, com Arturo Bray estando inicialmente no comando da IV Divisão de Infantaria. Na frente de guerra sofreu seu primeiro processo militar por decisões tomadas no comando de operações, tendo posteriormente sido inocentado. Com vitórias militares mais significativas por parte do exército paraguaio, em junho de 1935, se subscreveu o Protocolo de Paz, pelo qual se acordou a interrupção das hostilidades, sobre a base das posições alcançadas por cada um dos exércitos.³⁹ Quando do final do conflito, haviam morrido mais de 56 mil bolivianos e 36 mil paraguaios.⁴⁰

A guerra serviu para canalizar os ressentimentos das três décadas sob governo liberal. A isso, se somaram as disputas no Partido Liberal de cara as eleições presidenciais de 1936, a angustiosa situação econômica do país e os enormes problemas sociais a serem resolvidos.⁴¹ As contas com o lento trânsito para a modernidade foram saldadas de uma vez. Em 17 de fevereiro de 1936, estalou o golpe militar liderado pelo coronel Rafael Franco. O general Estigarribia, comandante em chefe das Forças

37 Ver: VERÓN, Luis. El 23 de octubre de 1931. Asunción: El Lector, 2013. (Colección Guerras y Violencia Política en Paraguay, 11).

38 BRAY, Arturo. Armas y letras. Memorias. Asunción: Napa, 1981, T.II, p.35.

39 Os acontecimentos referentes aos anos anteriores a Guerra do Chaco e ao conflito são o centro desse segundo tomo das memórias. Ao final agrega um apêndice (El enigma Pirizal), no qual apresenta todo o expediente relativo ao seu primeiro processo militar.

40 MENDOZA, Hugo. La Guerra del Chaco, 1932-1935. Asunción: El Lector, 2013. (Colección Guerras y Violencia Política en el Paraguay, 12). VERÓN, Luis. La guerra del Chaco, 1932-1935. Asunción: El Lector, 2011. (Colección La Gran Historia del Paraguay, 10).

41 SCANOVE YEGROS, R. Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954). In: TELESKA, Ignacio (Coord.). Historia del Paraguay. Asunción: Taurus, 2010.

Armadas, e o presidente Eusebio Ayala, junto a outras personalidades, inclusive Arturo Bray, foram presos, tachados de traidores e desterrados.

A autodenominada Revolução Libertadora foi um movimento essencialmente militar, mas que contou com o apoio de civis de diversas extrações e que concitou grandes expectativas na população. As campanhas no exterior dos liberais tentando desprestigiar o novo governo, as mobilizações ministeriais para deter as interferências militares, e as estancadas negociações diplomáticas para acordar uma paz definitiva com a Bolívia pela Guerra do Chaco fomentaram um novo levantamento de alguns setores das Forças Armadas. Em 13 de agosto de 1937, o coronel Ramón Paredes, chefe militar do Chaco, em contato com líderes do Partido Liberal no exílio, deslocou as tropas e ocupou Assunção, levando Franco e outras lideranças à prisão ou ao desterro. A “revolução” havia terminado. O governo foi derrotado por uma “contrarrevolução” liberal antes de terem transcorridos 18 meses.

Os velhos liberais elegeram Félix Paiva (1937-1939), ex vice-presidente, para o exercício da presidência provisória. E em novembro de 1937, Arturo Bray era nomeado novamente no estratégico posto de Chefe da Polícia de Assunção.

La jefatura de policía es una de las funciones públicas más ingratas, delicadas y penosas de ejercer, sobre todo en circunstancias anormales como eran aquéllas, mas también una de las más apasionadas y subyugantes, por la diversidad y complejidad de su radio de acción. Un jefe de policía que de tal se precia y tiene acabada conciencia de sus obligaciones y responsabilidades, es prácticamente el dueño y señor de la capital e incluso del interior de la República, aun limitadas sus funciones a las atribuciones legales de su cargo.⁴²

E em novembro de 1938 Arturo Bray ascendia à posição de Ministro do Interior. Já com o posto de Coronel cabia, na nova função, um enorme poder, pois os chefes políticos locais tratariam diretamente com ele. Entretanto o governo de Felix Paiva chegava a seu ocaso, acelerando acontecimentos que levariam aos descaminhos tomados pelo Partido Liberal como pela própria democracia paraguaia.⁴³

Arturo Bray em outubro de 1933, em plena guerra do Chaco, havia ficado preso dez meses na ilha de Peña Hermosa. Havia se recusado a obedecer ordens que considerava erradas e que levariam, no seu entender, a sacrificar vidas a ele confiadas. Um segundo processo militar em 1936, por conspirar contra o governo do coronel Rafael Franco, lhe valeu outros nove meses na referida ilha. No terceiro, em 1944, já se encontrava no exílio. Porém, por pressão do general Higinio Morínigo, foi confinado pelo governo argentino na cidade de Mendoza. Estando no exterior, havia se envolvido

42 BRAY, Arturo. *Armas y letras. Memorias*. Asunción: Napa, 1981, T.III, p.35.

43 Com a apresentação dos acontecimentos que foram do final da Guerra do Chaco ao final do governo de Felix Paiva, passando pela chamada Revolução Libertadora e o governos do coronel Rafael Franco, Bray encerrava o terceiro tomo de suas memórias.

em inúmeras conspirações, mesmo no início do governo de Stroessner:

Frustrada en 1955 una última posibilidad material de tentar en el Paraguay una restauración de la normalidad institucional, resolví alejarme por completo de dicho género de actividad. En esa actitud me he mantenido de entonces hasta acá, a pesar de cuanto afirmen o supongan amigos y adversarios por igual.⁴⁴

Era em todos os sentidos o *fin de jornada*. O espaço dado ao final de “Armas e Letras” resgatou, em algumas poucas páginas, o tempo em que se encontrava o próprio narrador, para quem o futuro da democracia no Paraguai se mostrava bastante distante.

Recebido em 08 setembro de 2019.

Aprovado em 03 dezembro de 2019.

44 BRAY, Arturo. Armas y letras. Memorias. Asunción: Napa, 1981, T.III, p.104.